

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica
Volume 20 | Número 1 | Janeiro – Junho 2026
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**LOUÇAS SERTANEJAS, A SHELL EDGE E O GOSTO DE NECESSIDADE:
O CASO DO SANTA CLARA 02, SÃO FERNANDO/RN**

**VAJILLA SERTANEJA, EL SHELL EDGE Y EL GUSTO DE LA NECESIDAD:
EL CASO DE SANTA CLARA 02, SÃO FERNANDO/RN**

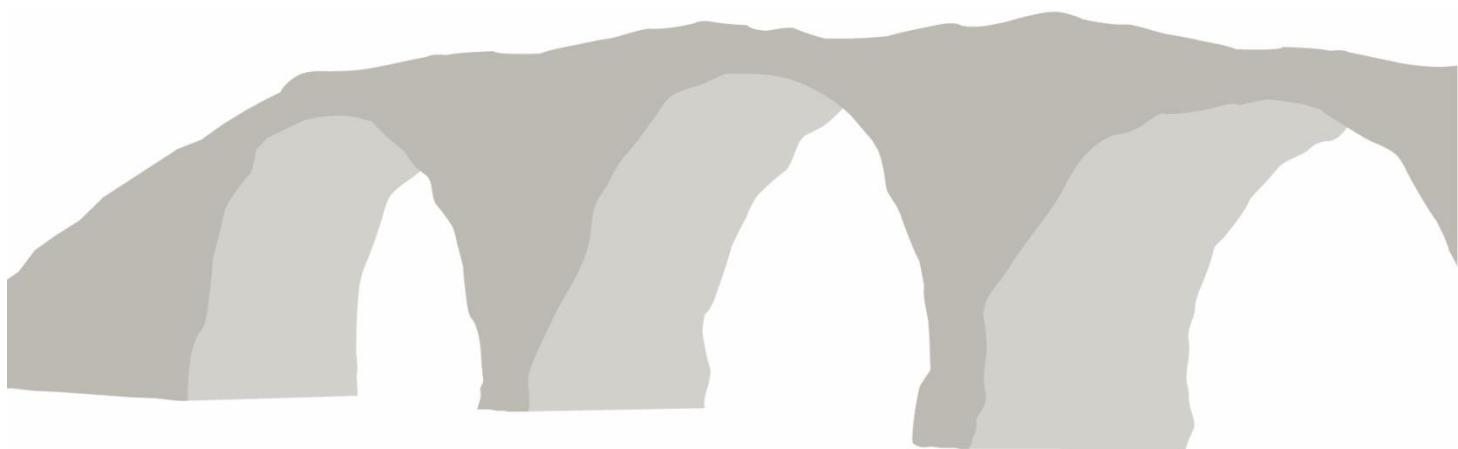
**INLAND EARTHENWARE, SHELL EDGE AND THE TASTE OF NECESSITY:
THE CASE OF SANTA CLARA 02, SÃO FERNANDO/RN**

Maria Eduarda Soares Dias de Medeiros

Vanessa Dantas Evaristo

Sarah de Barros Viana Hissa





Submetido em 7/04/2025.

Revisado em: 18/10/2025.

Aceito em: 24/10/2025.

Publicado em 29/01/2026.

LOUÇAS SERTANEJAS, A SHELL EDGE E O GOSTO DE NECESSIDADE: O CASO DO SANTA CLARA 02, SÃO FERNANDO/RN

VAJILLA SERTANEJA, EL SHELL EDGE Y EL GUSTO DE LA NECESIDAD: EL CASO DE SANTA CLARA 02, SÃO FERNANDO/RN

INLAND EARTHENWARE, SHELL EDGE AND THE TASTE OF NECESSITY: THE CASE OF SANTA CLARA 02, SÃO FERNANDO/RN

Maria Eduarda Soares Dias de Medeiros¹

Vanessa Dantas Evaristo²

Sarah de Barros Viana Hissa³

RESUMO

O Santa Clara 02 é um sítio arqueológico situado na região Seridó, no sertão do Rio Grande do Norte, descoberto em um contexto de licenciamento ambiental e rico em artefatos históricos. Dentre os achados estão as louças, categoria que inclui faianças, faianças finas, porcelanas e grés. Com base nesse material, o objetivo deste artigo é apresentar essas louças e refletir sobre como elas podem ter sido incorporadas ao cotidiano e às categorias sociais simbólicas dos sertanejos moradores da fazenda. Para tanto, o artigo se inicia com uma caracterização conceitual e uma contextualização do sertanejo potiguar. Posteriormente, discute-se o uso desses artefatos no processo de datação do sítio arqueológico, considerando a ausência de inventário e de documentos históricos. Utilizam-se a fórmula de South, gráfico de barras e o cruzamento de dados com conversas informais com moradores, além de revisão bibliográfica secundária sobre a história da região, para se chegar a uma datação aproximada de ocupação do local. Discute-se, então, como as louças, enquanto itens importados e industrializados em massa, podem ser utilizadas como marcadores de status, bem como indicadores de memória e identidade. Nesse sentido, destaca-se a louça *shell edge*. Apesar de ser um tipo ordinário na Europa, ela aparece no Seridó como uma escolha ativa dentro de um leque restrito de possibilidades. Evoca-se, assim, o conceito de ‘gosto de necessidade’, no sentido bourdieusiano, para explicar

¹ Historiadora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestranda em Arqueologia pelo Programa de Pós Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), Brasil. E-mail: mariasaoresdiasmedeiros@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4574-6710>.

² Historiadora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestranda em Arqueologia pelo Programa de Pós Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), Brasil. E-mail: vanessadantasevaristo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3608-773X>.

³ Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), atuando no bacharelado de Museologia e no Programa de Pós Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), Brasil. E-mail: sarah.hissa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1623-8737>.

esse fenômeno de construção social de camadas intermediárias, por meio do qual se expressa uma seleção deliberada.

Palavras-chave: Louças, Arqueologia histórica, Datação relativa, *Shell edge*, Gosto de necessidade.

RESUMEN

Santa Clara 02 es un sitio arqueológico situado en la región de Seridó, en el sertão de Río Grande del Norte, descubierto en un contexto de licenciamiento ambiental y rico en artefactos históricos. Entre los hallazgos se encuentran las lozas, categoría que incluye faianzas, faianzas finas, porcelanas y gres. A partir de este material, el objetivo de este artículo es presentar estas lozas y reflexionar sobre cómo pudieron haber sido incorporadas a la vida cotidiana y a las categorías sociales simbólicas de los sertanejos moradores de la finca. Para ello, el artículo comienza con una caracterización conceptual y una contextualización del sertanejo potiguar. Posteriormente, se discute el uso de estos artefactos en el proceso de datación del sitio arqueológico, considerando la ausencia de inventario y de documentos históricos. Se utilizan la fórmula de South, gráficos de barras y el cruce de datos con conversaciones informales con los moradores, además de una revisión bibliográfica secundaria sobre la historia de la región, para llegar a una datación aproximada de la ocupación del lugar. Se analiza, entonces, cómo las lozas, en tanto ítems importados e industrializados en masa, pudieron haber sido utilizadas por las personas como marcadores de estatus, así como indicadores de memoria e identidad. En este sentido, se destaca la loza *shell edge*. A pesar de ser un tipo ordinario en Europa, aparece en Seridó como una elección activa dentro de un abanico restringido de posibilidades. Se evoca así el concepto de ‘gusto de la necesidad’, en el sentido bourdieusiano, para explicar este fenómeno de construcción social de capas intermedias, a través del cual se expresa una selección deliberada.

Palabras clave: Vajilla, Arqueología histórica, Datación relativa, *Shell edge*, Gusto de la necesidad.

ABSTRACT

Santa Clara 02 is an archaeological site located in the Seridó region, in the hinterlands of Rio Grande do Norte, discovered in the context of environmental licensing and rich in historical artifacts. Among the findings are ceramics, a category that includes earthenware, fine earthenware, porcelain, and stoneware. Based on this material, the aim of this article is to present these ceramics and to reflect on how they may have been incorporated into the daily life and symbolic social categories of the sertanejo inhabitants of the farm. To this end, the article begins with an conceptual characterization and contextualization of the Potiguar sertanejo. Subsequently, it discusses the use of these artifacts in the process of dating the archaeological site, considering the absence of inventories and historical documents. South's formula, bar graphs, and the cross-referencing of data with informal conversations with residents are employed, in addition to a secondary bibliographic review on the history of the region, in order to arrive at an approximate dating of the site's occupation. The discussion then addresses how ceramics, as imported and mass-industrialized items, may have been used by people as status markers, as well as indicators of memory and identity. In this sense, shell edge ware is highlighted. Although it was an ordinary type of ceramic in Europe, it appears in Seridó as an active choice within a

MARIA EDUARDA SOARES DIAS DE MEDEIROS

VANESSA DANTAS EVARISTO

SARAH DE BARROS VIANA HISSA

restricted range of possibilities. The concept of "taste of necessity" in the Bourdieusian sense, is thus evoked to explain this phenomenon of social construction of intermediate layers, through which a deliberate selection is expressed.

Keywords: Pottery, Historical archeology, Relative dating, *Shell edge*, Taste of necessity.

INTRODUÇÃO: O SERTÃO DO SERIDÓ POTIGUAR

O conceito de sertão é antigo, remonta à época colonial no Brasil. Hoje em dia, é mais comum referir-se a sertões no plural, visto que há uma variada gama de nuances semânticas associadas à palavra, do ponto de vista geográfico e cultural. Partindo desse princípio, é interessante apontar para a existência de diversas formas de se conceituar esse espaço.

De acordo com Janaína Amado (1995), o conceito está presente desde o século XVI no imaginário popular, sendo muito presente também na historiografia brasileira. É também tema para literatura, cinema e filmes, se concretizando no mundo artístico como uma categoria amplamente explorada. Inicialmente, o conceito surge no século XIV, integrado no linguajar português para delimitar tudo que estivesse distante de Lisboa. Um século mais tarde o termo vai ser utilizado para delimitar grandes posses de espaços vastos não conhecidos, Amado (1995) provavelmente se refere às sesmarias concedidas na colônia. Posteriormente, no século XVIII o termo ainda era empregado com o mesmo sentido, referindo-se ao Brasil.

Já no século XIX, o sertão era visto e usado como um espaço vasto e despovoado de “civilização”, sempre com a conotação plural de vários sertões espalhados pelo Novo Mundo. O conceito dava nome às áreas afastadas do litoral e de natureza indomada, carregando consigo um sentido negativo e uma forte visão colonial. Era visto como um espaço alheio, pertencente a um *outro* (Amado, 1995). No entanto, caracteriza-se por um conceito indefinido e escorregadio cuja aplicação depende do ponto de vista de quem o enxerga. A definição para o conceito que estamos abordando se pauta na questão geográfica, apresentado no dicionário, como sendo um lugar afastado do litoral, ou interior. Contudo, com o passar do tempo, o conceito começou a ganhar certa complexidade, sendo base para uma construção nacional. Lúcia Oliveira (1998) trabalha com ideias de sertão vistas de diferentes perspectivas sociais, dando uma conotação mais cultural e social para o termo:

O sertão, para o habitante da cidade, aparece como espaço desconhecido, habitado por índios, feras e seres indomáveis. Para o bandeirante, era interior perigoso, mas fonte de riquezas. Para os governantes lusos das capitâncias, era exílio temporário. Para os expulsos da sociedade colonial significava liberdade e esperança de uma vida melhor (Oliveira, L. 1998, p. 3).

Em concordância com o disposto pela autora, nos é possível tratar o sertão como um espaço imaginário e socialmente construído. A autora evidencia um simbolismo, colocando em comparação com a conquista do oeste, realizada nos Estados Unidos, visto que para as populações urbanizadas e distantes, o sertão era moradia do indígena selvagem e reino da barbárie, onde havia injustiça e violência. Essa visão “infernal” entra em contraste direto com a visão de um local com potencial e alvo de novas esperanças e novas construções. Essa perspectiva negativa também pode ser vista também nos escritos do jornalista Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões*, que traz uma visão preconceituosa em relação à população sertaneja. Ao descrever a paisagem sertaneja, o jornalista enfatiza as chuvas e as possibilidades de transformação do sertão, o definindo dentro de “um jogo de antíteses”. Cunha (1902) evidencia a natureza intensa que varia entre as secas lancinantes e as chuvas que restauram e transformam o sertão em um paraíso. Os sertanejos aparecem na publicação como uma população forte e desengonçada.

É o homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadênciâ langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude (Cunha, 1902, p. 116).

A figura do sertanejo emerge em contraste com a do gaúcho, sendo esse último retratado como tranquilo, sem temores, sem preocupações em lidar com um ambiente hostil e secas devastadoras. É possível interpretarmos o sertão como um local desafiador, que exige muito do ser humano e o transforma. No referido livro, o conceito aparece sempre como algo exótico, seja a paisagem ou a população, evidenciando uma forte generalização. Ao que parece, Cunha (1902) estabelece um contraponto entre barbárie e civilização, dando poder ao contraste entre sertão e litoral. Essa dualidade também é exposta por Custódia Selma Sena:

Formulado inicialmente como uma oposição entre civilização e barbárie, essa dualidade tem sido constantemente desdobrada em outros binarismos como civilizado/ primitivo; litoral/ sertão; cópia/ autêntico; moderno/ tradicional etc. (Sena, 2010, p. 38).

A autora ainda pontua que a dicotomia foi necessária durante muito tempo para a construção do Brasil, de modo que não existe litoral sem sertão e vice-versa. O sertão pode ser visto como mito, um lugar imutável e não atingido pela história. No entanto, outros pontos de vista, principalmente presentes na literatura brasileira, mostram o sertão como um paraíso cheio de justiça, onde há liberdade e prosperidade para os marginalizados da sociedade.

Como mencionado anteriormente, o sertão é o espaço afastado do litoral, muitas vezes romantizado, cujo povo é trabalhador e apresenta uma adaptação diante das dificuldades. Segundo L. Oliveira (1998), o pensamento brasileiro que se construiu através do tempo, colocou o termo sertão como uma oposição ao litoral. Então, se formou, por muito tempo, uma ideia de contraposição e opostos: a civilização versus a barbárie (Oliveira, L. 1998). Do ponto de vista prático, o sertão ou os sertões estão presentes no imaginário brasileiro de diversas formas. Todavia, para a nossa análise, trabalharemos inicialmente o sertão como delimitação e fronteira geográfica, colocando-o como um espaço distante do litoral. No entanto, não nos afastamos das fronteiras culturais que são impostas em todo o Brasil, exaltando-as. Trabalharemos, portanto, com o sertão do Seridó potiguar, um sertão histórico e culturalmente construído, cujo sertanejo é visto muitas vezes como romantizado ou bárbaro, como foi dito anteriormente.

O sertão com o qual trabalharemos se encontra no interior do Rio Grande do Norte, denominado Seridó. A região está localizada na parte centro-sul do território potiguar, fazendo divisa com o estado da Paraíba, abrange uma totalidade de vinte e quatro municípios, dentre esses está São Fernando, onde está situado o sítio arqueológico aqui abordado (ver Figura 1). A ocupação sertaneja massiva se deu por dois fluxos: direção leste para oeste, pelos territórios de Parelhas, e na direção sul para norte, partindo da Borborema (Medeiros Filho, 1983), e teve como apoio econômico a pecuária. Sabe-se que a experiência da cana-de-açúcar não era nova, a fabricação em larga escala do açúcar já era conhecida na Europa. A complexidade da sociedade colonial era sustentada pelo cultivo da cana em conjunto com a criação de gado, a pecuária. Contudo, as duas atividades não poderiam ocupar um mesmo local.

A divisão de espaço entre cultivo de cana e criação de gado era incompatível, por isso, não era possível que ocupassem uma mesma porção de território. Em decorrência desse fato, surge a necessidade de uma separação entre áreas de criação e áreas de cultivo de cana, essa separação foi formalizada pela “Carta Régia de 1701, que proibia o criatório a menos de 10 léguas do litoral” (Macedo, M. 2007, p. 33).

Foi a partir dessa necessidade de separação que a expansão das fronteiras, do litoral para o sertão, foi possível. O território apontava para diferentes possibilidades econômicas. De acordo com o historiador Olavo de Medeiros Filho, em *Velhos Inventários do Seridó*, o ano de 1670 foi marcado pela emissão de um documento que dizia respeito à concessão de sesmarias. Apesar do cultivo da cana se apresentar como principal atividade econômica para a sociedade colonial e como alavanca para a pecuária, a criação de gado era o elemento que garantia o sustento dos colonos. Quando ocorre a quebra do monopólio canavieiro, em 1657, a pecuária vai assumir um papel mais importante na sociedade colonial e será mais apoiada pela Coroa (F. Oliveira, 2001).

O sertão contava com a existência de pastagens naturais e um clima que favoreceu a criação de rebanhos, é importante ressaltar também a importância dos rios para o sustento e a criação das primeiras fazendas. Para iniciar o criatório, não era necessário muito investimento monetário. Geralmente se visava encontrar um local, comumente próximo a fluxos de água, onde o colonizador apresentava uma semente de gado, consistida em um touro e três vacas. Aos poucos a propriedade culmina em uma fazenda que iria garantir apenas uma baixa rentabilidade, uma vez que o público da pecuária não era o mercado externo (Macedo, M. 2005).

As fazendas eram geralmente ocupadas pelo proprietário, seus familiares, agregados e pessoas escravizadas (Medeiros Filho, 1983). A criação de gado permitiu a criação dos primeiros centros urbanos, a partir da sua implementação, também o início de outras atividades, como a agricultura. O cultivo do algodão, por exemplo, foi apoiado pelas fazendas criatórias e teve um papel importante na dinamização da economia (Gomes, 2018).

Em suma, observamos na literatura uma imagem genérica de sertão, referente ao desconhecido e ao despovoado, mas entendida ora como pertencente ao outro selvagem, ora como espaço de justiça romantizada e de vitória e sobrevivência contra adversidades ambientais. Essa imagem indistinta e quase mítica, à qual se podem associar os vários sertões, pode ser contrastada com uma imagem socialmente construída e algo mais específica de sertão Potiguar. Afastado do litoral, de fato o sertão potiguar viu muitos conflitos, desde os confrontos da tomada do território indígena. No entanto, não foi somente de conflitos que a relação euroindígena foi feita. Por outro lado, as condições ambientais do sertão Potiguar, da seca e verde escasso do Acauã, ofereceram possibilidades econômicas históricas importantes, a saber, o cultivo de cana e algodão e a pecuária.

Nesse contexto, as louças importadas adentram o território potiguar de uma forma diferente quando comparada às metrópoles brasileiras, chegando ao Seridó com a lógica de aparelhos e/ou conjuntos desconstruída.

Até o momento, foram realizadas poucas pesquisas tematizando as louças no sertão nordestino como um todo. Nesse sentido, destacam-se os trabalhos de Luís Symanski (2008), cujo estudo seminal sobre a cultura material de grupos domésticos no Ceará do século XIX abriu caminho para a análise de artefatos em contextos sertanejos e mais afastados dos grandes centros. Desdobrando essa linha, Abreu e Souza (2015, 2017) ampliam o escopo para investigar a dinâmica do consumo, globalização e a formação da paisagem no semiárido. No âmbito das práticas domésticas, Oliveira (2018) focou nas práticas alimentares em uma fazenda no Piauí,

enquanto Oliveira (2021) analisou as moradias e artefatos do cotidiano no Seridó potiguar. Por fim, Souza (2021, 2024) consolidou o foco arqueológico na micro-região do Seridó, com estudos de caso detalhados nos sítios Culumins e Oiticica 17, oferecendo uma visão localizada e aprofundada da cultura material sertaneja.

Considerando esses elementos sobre o que é o sertão, refletiremos ao longo deste artigo sobre como a louça, enquanto materialidade estrangeira, torna-se também sertaneja, ou, ainda, como as louças se integraram à dimensão doméstica das atividades cotidianas de pecuária e cultivo, às mentalidades belicosas e territorialistas e ao verde escasso, onde a moeda é mais uma troca material e o mercado funciona à sua própria lógica (Macedo, 2007). Considerando que o sertão do Seridó possui seu funcionamento dentro dos recursos disponíveis pelo ambiente, tentamos compreender a lógica desde a aquisição até o uso dessa materialidade que está contida no espaço sertanejo; compreendendo, assim, o que são as louças sertanejas.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SANTA CLARA 02

O sítio arqueológico Santa Clara 02 foi encontrado durante o licenciamento ambiental das obras da Barragem de Oiticica, no Rio Grande do Norte. O empreendimento abarcou alguns municípios, dentre eles o de São Fernando, localizado no Seridó, e onde está situado o sítio anteriormente mencionado, como consta na figura 1. O Seridó se trata de uma microrregião que possui algumas definições e recortes que mudam de acordo com o tempo, como o histórico que conta com 23 municípios desmembrados de Caicó (Medeiros Neta, 2017). Algumas de suas facetas dizem respeito à identidade e/ou costumes de uma determinada população que partilha dos mesmos valores (Macedo, 2007). O conceito tem caráter geográfico e histórico, construído a partir de diversas escritas ao longo do tempo. Inicialmente denominado de Sertão do Acauã, a região aparece nos primeiros relatos como seca e com vegetação verde apenas na região das ribeiras (Macedo, 2005). A microrregião se localiza na parte centro-sul do território potiguar, fazendo divisa com o estado da Paraíba e, dentro do recorte mais recente marcado pelo IBGE, abarca uma totalidade de 24 municípios.

As primeiras etapas do trabalho arqueológico foram prospectivas e aconteceram entre os anos de 2018 e 2019, quando foram localizados alguns sítios arqueológicos. Posteriormente, em 2022, foi feito o projeto de resgate na área da Barragem da Oiticica. Foram identificados e resgatados um total de 23 sítios arqueológicos (Hcoutinho, 2022), dentre eles destacamos o Santa Clara 02 que foi identificado e delimitado a partir da dispersão de materiais encontrados em superfície e da presença dos restos de uma antiga estrutura habitacional, destacada na figura 2. Na imagem, é possível observar o que aparenta ser uma fundação (delimitação em vermelho) que tem a forma retangular e é feita de alvenaria. A estrutura pode se referir às paredes externas ou internas (divisão de cômodos). Isso não foi aferido, por não ter sido alvo direto de intervenções arqueológicas. Além desse alicerce, foi exposto um piso (delimitação em azul) de uma cor mais clara e plano. A estrutura no centro da imagem se trata de uma caixa d'água recente, construída pelos moradores da redondeza para facilitar a captação de água do rio Piranhas-Açu que está nas proximidades do sítio e de outras propriedades da região. Ela tem formato cilíndrico e foi posicionada dentro da fundação contornada em vermelho.

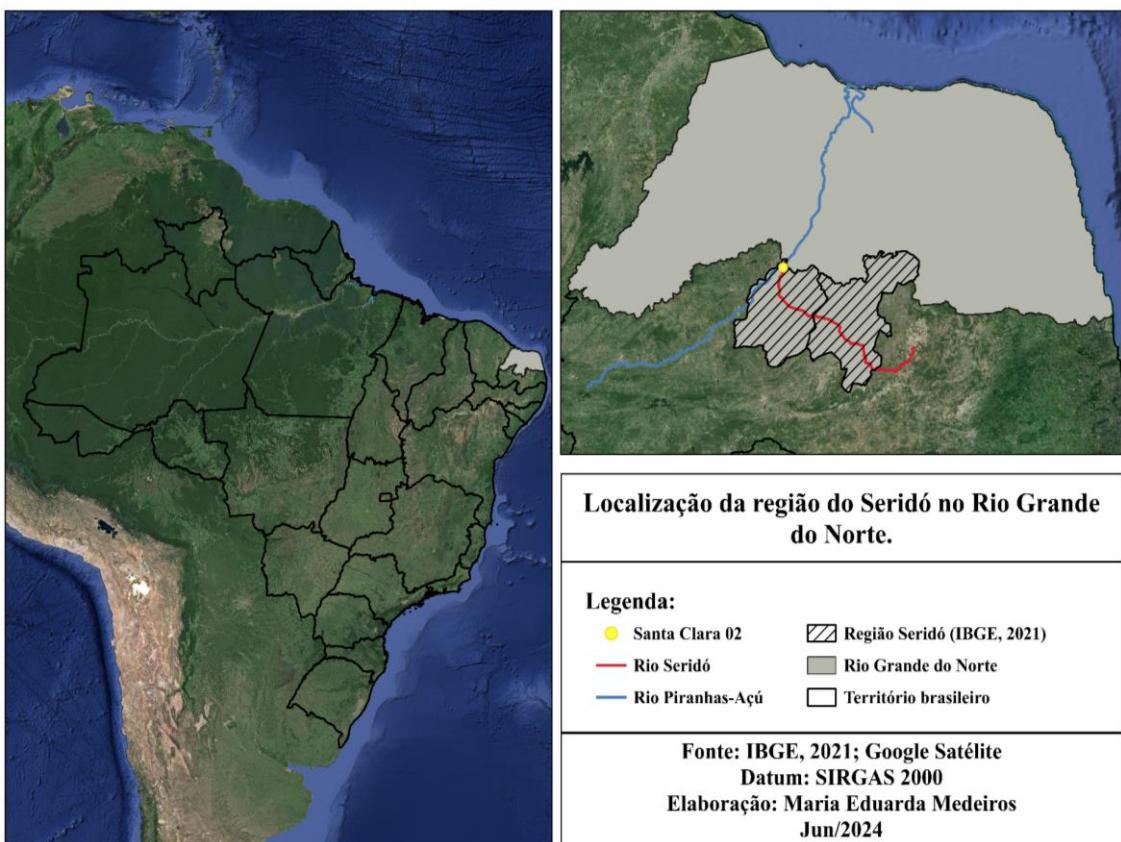


Figura 1. Localização do Seridó potiguar e do sítio arqueológico Santa Clara 02. Fonte: IBGE (2001), Google Satélite.



Figura 2. Estrutura habitacional encontrada no sítio arqueológico Santa Clara 02. Fonte: fotografia cedida pela equipe da empresa Hcoutinho e alterada pela autora.

Dentro das possibilidades de pesquisa na superfície e subsuperfície do sítio arqueológico, os materiais por nós escolhidos para o presente estudo foram as louças (faianças, faianças finas, *ironstones*, grés e porcelanas). Considerando o pouco arcabouço acadêmico envolvendo essa materialidade dentro do espaço do sertão potiguar, salientamos a sua importância dentro do espaço de pesquisa que envolve a arqueologia histórica. Estamos estimando que o espaço sertanejo trabalha dentro de uma lógica particular e própria que difere dos grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro, por exemplo (Abreu e Souza, 2017).

As louças elencadas para trabalharmos e que aparecerão como objeto nesse artigo são aquelas que encontramos nos procedimentos de escavação de uma ampla superfície aberta nas proximidades da estrutura de uma antiga casa habitada por volta dos primeiros anos do século XIX, de acordo com relatos dos moradores locais⁴. Atualmente o sítio arqueológico se encontra em processo de inundação por causa do avanço das águas do Rio Piranhas, barrado pelo empreendimento anteriormente citado. Além disso, também é alvo de intervenções humanas como o uso de máquinas de arado, o próprio uso do ambiente como pasto para gado, a passagem de animais, pessoas e transportes. Podemos evidenciar, portanto, que nem a localidade, nem a estrutura estão em bom estado de conservação. O material se encontra em um alto nível de fragmentação e, devido aos fatores mencionados anteriormente, a estratigrafia se encontra revolvida. Por essa razão, a escavação foi realizada por níveis artificiais. Contudo, entendemos que isso e a falta de um inventário não nos impossibilita de estipular uma datação aproximada para o sítio através das louças.

Para chegar a essa datação, utilizamos os nossos conhecimentos históricos sobre o povoamento da região, conversas informais com os moradores da região que nos foram repassadas pela equipe de campo e, principalmente, as estimativas dos intervalos de produção das louças oferecidas na bibliografia de referência, discutidas e apresentadas aqui em gráficos de barras e na Fórmula South aplicada a cada nível escavado. Com a combinação desses dados, será possível estimar um período de ocupação mais intensa daquele espaço, bem como o tipo de pessoas habitavam o Santa Clara 02, o seu cotidiano e as suas práticas de consumo; práticas essas que estão inseridas dentro de um espaço e de uma lógica própria aos habitantes do sertão seridoense potiguar.

LOUÇAS E SUAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Cerâmica é um termo genérico que define objetos elaborados a partir de grandes quantidades de finos grãos que ganham plasticidade em contato com água e endurecem em contato com o calor (Shepard, 1956). Apesar de contar com a argila como matéria-prima, é provado pela ciência que existem elementos metálicos e não metálicos em sua composição (Shepard, 1956; Rice, 1987; Tocchetto *et al.*, 2001). Como parte desses materiais cerâmicos encontra-se o nosso objeto de estudo. Trataremos esses artefatos específicos, a faiança, faiança fina, porcelana, *ironstone* e grés, como louça, visto que: “No Brasil, o termo ‘louça’, coloquialmente, é muito utilizado como sinônimo de cerâmica de mesa e para designar qualquer cerâmica branca” (Braganca,

⁴ A conversa com os moradores foi realizada pela equipe de campo da empresa responsável pelo empreendimento (Hcoutinho) no ano de 2024. A equipe preferiu não expor os nomes dos indivíduos a fim de preservar sua privacidade.

Zimmer & Pedrassani, 2019, p. 489). Além disso, usamos esse termo em concordância com trabalhos nessa mesma área (Lima, 1995; Symanski, 1997; Abreu e Souza, 2013; Bezerra, 2015).

De acordo com Eldino da Fonseca Brancante (1981), o apreço pela pasta branca começou a partir das viagens para o oriente e o conhecimento da porcelana chinesa, cujas lendas e tradições despertaram fascínio na comunidade europeia. A crescente estima pelo uso do artigo de luxo fez com que seu valor subisse, acarretando em uma busca pelo lucro em torno disso. Essa nova possibilidade deu início à busca pela imitação dessas peças e foi assim que o mercado europeu e, posteriormente mundial, foi invadido pela produção de pastas intermediárias (faiança, faiança fina e *ironstones*) que permitiam que alguns setores da sociedade tivessem acesso às peças.

A circulação de produtos europeus no Brasil não pode ser resumida apenas à chegada da família real em nossas terras. No entanto, é apenas a partir do século XIX, com a chegada da corte portuguesa, que há grande intensificação do consumo de produtos importados europeus, notadamente ingleses (Lima, 1997). Bezerra (2015) afirma que na segunda metade do século, já era possível comprar produtos em casas comerciais especializadas em artigos de luxo europeus.

Nesse crescente comércio durante a primeira metade do século XIX, a Inglaterra estabeleceu comércio mais intenso com o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, onde eram realizadas atividades de importação de mercadorias como chapéus, calçados, louça, vidros, entre outros. Porém durante a segunda metade do século XIX esse comércio triplica, inserindo-se esse processo civilizador capitalista por outras regiões do Brasil, dentre elas o Ceará (Bezerra, 2015, p. 102).

A autora também aponta que o comércio se dava da capital para o interior, ou seja, os artigos de luxo primeiro chegavam aos grandes centros para então serem redistribuídos para os demais segmentos da sociedade. Esse material está presente em vários sítios arqueológicos brasileiros e estrangeiros, sendo alvo de diversas pesquisas. As louças se apresentam como material capaz de abarcar diversas possibilidades de pesquisas e variadas perspectivas e conclusões.

A publicação de Mary Beaudry *et al.* (1996), *Artifacts and active voices*, expõe os resultados de uma investigação feita em pensões Boott Mills de uma fábrica em Lowell, Massachusetts, onde seu principal objetivo é demonstrar que os artefatos expressam, direta ou indiretamente, as crenças de quem os produziu. No trabalho foram investigadas duas unidades de habitações: a de número 45, uma pensão ocupada por trabalhadores da fábrica, e a de número 28, o cortiço habitado por supervisores e suas famílias. As duas diferentes unidades são compostas por modelos familiares diferentes: a pensão era formada por uma família corporativa, enquanto o cortiço era composto por famílias nucleares (Beaudry *et al.*, 1996). O artigo estabelece uma contraposição entre os dois modelos familiares, onde os resultados apontam que os habitantes do cortiço tinham um maior desejo de se assemelhar à classe média, adquirindo uma maior quantidade de recipientes por pessoas. Enquanto isso, na pensão era servido apenas o básico, apontado como um prato e poucos acessórios. Através desses dados, Beaudry *et al.* (1996) defendem que os moradores do cortiço emulavam os rituais de jantar da classe média, buscando fidelidade com um número reduzido de artefatos. É provável que as mulheres que compunham as famílias nucleares aspirassem um modo de vida com maior estabilidade, seguindo os moldes do século XIX. As diferenças de artefatos se pautam nas diferenças da composição doméstica, considerando também que os supervisores eram responsáveis pela compra de seus utensílios. Sendo assim, podemos

interpretar que os contextos sociais e familiares nas duas unidades habitacionais vão mudar, refletindo diretamente no cotidiano e nos artefatos, de modo que as cerâmicas expressam os valores dentro de cada residencial.

Um outro exemplo do que nos interessa aqui pode ser encontrado em um estudo realizado por Anne Yentsch, em 1996. O artigo intitulado *The Symbolic Divisions of Pottery: Sex-related Attributes of English and Anglo-American Household Pots* tem como objetivo analisar a dicotomia natureza/cultura da perspectiva do gênero e dos artefatos. A pesquisadora apresenta os artefatos como metáforas e analogias, afirmando que diferentes culturas utilizam objetos em comparação aos seres humanos, sendo o medievo apresentado como o exemplo principal sobre a divisão de artefatos. Os locais compartilhados com homens e mulheres, apresentavam cores mais neutras. Todavia, os espaços específicos para cada gênero, eram adornados com as cores que mais se encaixavam. Yentsch (1996) aponta os tons terrosos como associados à esfera feminina, por se assemelhar mais ao natural. Enquanto isso, os tons brancos estavam mais associados ao domínio masculino por causa da industrialização, também condizentes com a exibição de status social que geralmente era feita pelo homem que presidia as reuniões sociais e se comportava como o anfitrião da casa. No cotidiano, os artefatos masculinos estariam mais ligados ao ato de servir e de exibir o alimento. A louça, por ter a pasta branca, com maior polidez, geralmente industrializada, estaria mais voltada e passaria a ideia de domínio da natureza, da cultura, em si. Por isso ela está mais próxima da esfera masculina, enquanto a cerâmica utilitária tem uma cor mais terrosa, que remete ao barro e à natureza mais rústica e reservada, sendo geralmente atrelada à esfera feminina (Tocchetto *et al.*, 2001).

Como mencionado anteriormente, o artigo deixa evidente que os papéis de gênero estão relacionados ao emprego desses artefatos. Um exemplo disso é que enquanto cerâmica estaria mais voltada para o armazenamento e produção dos alimentos, resguardada no âmbito da cozinha, a louça estaria mais voltada para o ato de servir os alimentos, demonstrando um certo domínio de normas e padrões culturais (Yentsch, 1996). Desse modo, seria praticamente impossível não relacionar esses dois materiais ao público e privado que geralmente dividem os gêneros, sendo o homem dominante do espaço público e a mulher voltada para o íntimo e privado.

Outra perspectiva de pesquisa foi apresentada por Luís Cláudio Pereira Symanski em um artigo nomeado *Grupos domésticos, comportamento de consumo e louças: O caso do Solar Lopo Gonçalves* cujo objetivo principal é discutir sobre os comportamentos de consumo dos moradores e suas mudanças ao longo dos períodos de ocupação do Solar Lopo Gonçalves como unidade doméstica. Primeiro o autor estabelece que existiram duas ocupações de meados do século XIX e propõe-se a analisar as diferenças de consumo que foram observadas durante a pesquisa. As louças foram analisadas e comparadas ao inventário disponível. Através dessas análises, foi possível observar que as louças na primeira ocupação da unidade doméstica não possuíam uma lógica de estética ou harmonia. De acordo com Symanski (2008), esses artefatos poderiam ser comprados de forma avulsa ou trazidos de outra residência urbana conforme a moda os tornasse obsoletos. O segundo grupo que ocupou o solar parece ter optado por louças mais refinadas e caras, mas também mais simples e coesas esteticamente, demonstrando que as refeições e o ato da reunião à mesa já eram encarados de uma forma diferente do grupo da primeira ocupação.

Symanski (2008) ainda aponta um possível motivo para essa mudança de perspectiva da segunda ocupação, chamando atenção para o próprio caráter habitacional que muda, fato esse que está atrelado ao próprio período em que esse segundo grupo está inserido.

A combinação dos dados fornecidos pela arquitetura (compartimentação interna do solar e suas ampliações), pelas fontes documentais (móvel presente no solar em 1878 e dados sobre sua compartimentação), e pelas evidências arqueológicas (mudanças na qualidade das louças entre as duas ocupações) demonstra que, durante este segundo momento, mudou a própria natureza da ocupação deste sítio. Ocupado, no período de Lopo, como a sede de uma chácara, não exercia a função de domicílio da família, que era o sobrado localizado no centro de Porto Alegre. Já na época de Joaquim Gonçalves, essa edificação assumiu um caráter verdadeiramente residencial, num momento em que a região na qual ela estava inserida era, gradualmente, ocupada pela cidade (Symanski, 2008, pp. 112-113).

Essa ocupação da cidade está relacionada diretamente ao crescimento de Porto Alegre e à criação de novos bairros que possibilitaram que a elite urbana se afastasse de seus trabalhos. No entanto, havia mudanças a serem feitas para que um solar pudesse abrigar uma família abastada. Portanto, mudanças são feitas desde o macro (a estrutura e a mobília) até o micro (artefatos do cotidiano como as louças). O que se observa no caso do Solar Lopo Gonçalves é que toda a estrutura interna e externa comunica e serve como leitor social do que se espera dessa moradia e de como viviam os grupos que ali habitavam.

Como foi apontado anteriormente, as louças possuem um leque considerável de possibilidades de pesquisa que as circundam. Na região Seridó, todavia, não é possível identificar uma grande quantidade de trabalhos que utilizem essa materialidade. Atualmente, foi possível identificar apenas três trabalhos que mencionam as louças. Dois correspondem às dissertações de autoria da pesquisadora mestre Hozana Danize Lopes de Souza. A outra produção trata-se de um artigo publicado pela revista Clio Arqueológica em 2020 chamado *Arqueologia Histórica e Sertaneja no Seridó Potiguar*, cuja autoria é do Prof. Dr. Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva, Hozana Danize Lopes de Souza e Kayann Gomes Batista. A publicação apresenta as louças encontradas como recipientes para consumo, evidenciando a importância das feiras livres para a aquisição não só das peças importadas, mas também de outros artefatos como a cerâmica de produção local/regional.

A dissertação *Sítio Culmins: um olhar sobre o sertão do Seridó, séculos XVIII – XIX* (Souza, 2021) aborda tanto as louças quanto os utensílios de cerâmica dentro de uma perspectiva de práticas sociais e consumo. Aborda também como essa materialidade doméstica se comporta dentro da sociedade colonial sertaneja. Neste trabalho observamos a presença de louças do tipo faiança fina, numa predominância de 636 peças. Com a aplicação da fórmula de South, foi possível chegar ao ano de 1831 como data média para a ocupação do sítio arqueológico. O referido trabalho ainda destaca que as louças encontradas possuem um valor mais baixo e maior simplicidade em comparação a outros artefatos desse tipo presentes no mercado. A publicação trabalha também com as cerâmicas de produção local/regional, estabelecendo um contraponto entre as duas materialidades. A autora evoca o sentido de herança e persistência de tradições.

Já a dissertação *Arqueologia histórica no sertão do Seridó: uma abordagem a partir do sítio arqueológico Oiticica 17* (Souza, 2024) possui uma abordagem voltada para a economia, onde se buscou identificar as formas como as faianças finas teriam adentrado a região do Seridó potiguar pelas ribeiras do Piranhas. Nesse trabalho observamos a análise de 2.031 fragmentos de faianças finas. As peças analisadas indicaram um período de

ocupação referente ao século XIX, mesmo que a variedade de motivos decorativos também indique períodos variados, referentes inclusive ao século XVIII. A dissertação conclui, sobre o uso das louças, que a população que habitava o sítio referido pela autora dispunha de uma variada e considerável quantidade de faianças finas. Nesse sentido, levanta-se um questionamento sobre a origem desses artigos que logo é respondido ao trazer para a discussão as feiras livres e a possibilidade de aquisição e venda de bens variados que permitem que o sertanejo tenha acesso a artefatos longínquos; definindo, assim, o sertão como um local distante do isolamento que podia ter acesso à materialidade estrangeira.

Essa breve revisão bibliográfica nos mostra que as louças são amplamente estudadas do ponto de vista arqueológico, elas são capazes de servir de fontes ricas na análise do cotidiano dos grupos humanos. Desde análises internacionais até o interior potiguar, os trabalhos apresentam diferentes perspectivas e vivências que envolvem um mesmo material, demonstrando a complexidade humana ao modificar e ressignificar os simbolismos empregados em uma mesma categoria de cultura material.

AS LOUÇAS DO SANTA CLARA 02 E DATAÇÃO

As louças analisadas neste trabalho foram as provindas de escavação do sítio Santa Clara 02. A amostra corresponde a um total de 426 fragmentos de louças. Foram analisados cerca de 53% dessas, somando um total de 227 fragmentos. Os outros 199 não nos pareciam servir de informações, uma vez que eram fragmentos que não apresentavam decoração, esmalte ou forma visíveis. Para nós, tais materiais não forneciam informações relevantes para os objetivos do estudo empreendido.

Durante a curadoria foram descartados todos os fragmentos menores ou iguais a um centímetro, restando apenas fragmentos maiores. A coleção se encontra muito fragmentada e esses cacos não possuem grandes dimensões. Nas análises do material de escavação se focou principalmente na forma dos fragmentos e na decoração que eles exibiam, como demonstrado nas figuras 3 e 4. Essa escolha se justifica levando em consideração a documentação sobre precificação e datação que nos fornecem um bom amparo para estimar períodos de produção e de ocupação mais intensa (South, 2007; Miller, 1991; Tocchetto *et al.*, 2001; Symanski, 2008), portanto, ela está voltada principalmente para identificação de formas e elementos que sejam diagnósticos quanto a datação.



Figura 3. Algumas amostras de faianças presentes na coleção do Santa Clara 02. Fotografia da autora.



Figura 4. Algumas amostras de faianças finas presentes na coleção do Santa Clara 02. Fotografia da autora.

Apesar da quantidade abundante de faianças finas e ironstones, nenhuma das peças analisadas possuía carimbo de fabricante.

Optamos por trabalhar apenas com os materiais que apresentam esmalte, forma e/ou decoração visíveis, excluindo os cacos designados como parede e os fragmentos não decorados, visto que:

As amostras de louças foram classificadas considerando os seguintes atributos: pasta, esmalte, técnica de decoração, cor, e, quando identificado na literatura especializada, padrão decorativo. Todos esses

atributos fornecem indicações referentes ao período de fabricação das peças, de modo que é possível obter cronologias mais apuradas combinando-os, do que considerando somente cada um isoladamente, como, por exemplo, o padrão decorativo ou o tipo de esmalte utilizado (Symanski, 2008, p. 76).

Concentramos nosso foco nos elementos de datação e nas formas que pudessem existir na amostra, a fim de identificar algum tipo de padrão de escolha desses artefatos. A amostra apresentou uma porcentagem de 7,58% das formas relacionadas a bens voltados para o consumo de alimentos sólidos, ela se divide em 4,40% de pratos, 0,44% de pires e 2,64% de tigelas. Além disso, também identificamos uma xícara, uma alça e duas travessas. Podemos especular, tentativa e provisoriamente, que não havia uma sociedade que de fato socializasse através de práticas da elite, como o chá. No entanto, a presença de vestígios de travessas com decorações nos faz acreditar que possa haver uma certa preocupação estética em relação ao serviço dos alimentos que poderia configurar uma importância a uma determinada refeição. Encontramos muitos vestígios de pratos e tigelas, o que pode nos apontar para uma maior preocupação com as três refeições convencionais geralmente realizadas no dia a dia.

Como a amostra é variada e fragmentada, o que é possível observar nas figuras 3 e 4, não conseguimos mapear de fato uma especificação absoluta em relação às louças. Contudo, através do artigo *A revised set of CC index values for Classification and Economic Scaling of english ceramics from 1787 to 1880*, publicado originalmente em 1991, conseguimos fazer uma estimativa do quanto o/s grupo/s do Santa Clara 02 direcionavam para a compra de louças. Ao fazer um apanhado da nossa amostra e cruzar com as tabelas do artigo anteriormente citados, percebemos que as louças pertencentes aos habitantes do sítio estão entre os valores de 1,3 e 2,8 libras⁵ a unidade a depender do tipo de peça, variando entre pratos e travessas (Miller, 1991). E, considerando que as louças foram adquiridas de maneira avulsa, estimamos que não era destinada uma grande porcentagem de dinheiro para a compra desses artefatos. De acordo com a bibliografia (Bezerra, 2015; Lima, 1995; Symanski, 1997), a quantidade de louças pode indicar um certo poder aquisitivo. Contudo, chamamos atenção para o fato de que o sertão funciona a seu próprio modo e lógica. Para apontarmos de fato que o sítio era habitado por uma elite local, precisaríamos ter acesso à informação de outros bens que essas pessoas pudessem dispor, principalmente gado e escravos, que eram a marca diagnóstica de uma elite sertaneja local (Macedo, 2007). Analisando apenas as louças, não conseguimos estipular com totalidade o poder aquisitivo desses indivíduos e, como apontado anteriormente, é possível perceber que as louças não eram as mais caras do mercado, principalmente quando observamos a grande quantidade de *Shell edge*. O que podemos inferir no que concerne à quantidade de louças é apenas que possivelmente essas louças eram compradas de forma avulsa apenas para atender as necessidades básicas – no que se refere à alimentação – dos moradores, o que também explica a ausência de aparelhos de chá e/ou jantar.

Para chegar a uma conclusão no quesito datação, estamos utilizando três métodos diferentes. O primeiro é a Fórmula de South, que consiste em multiplicar a data média de manufatura de cada tipo de artefato com a frequência de cada tipo de fragmento, o resultado deve ser dividido pela soma de quantidade dos fragmentos de cada tipo de louça. Optamos por trabalhar com o número de fragmentos, ao invés de trabalhar com o

⁵ O uso dos valores de compra de louças oferecido por Miller (1991) foram usados in natura, ou seja, extraídos diretamente do trabalho do autor, para um parâmetro inicial comparativo entre as peças do acervo analisado.

número mínimo de peças (NMP). Não temos documentos historiográficos que definam com precisão a cronologia da ocupação do sítio e a sucessão de moradores. Ainda, o conjunto de louças escavado, por estar muito fragmentado, dificulta a leitura das informações datáveis de vários dos cacos e quase impossibilita remontagem. Por fim, a estratigrafia do sítio se encontra revolvida, o que também é uma questão ao se trabalhar com NMP. Além dessas justificativas, não é incomum que alguns trabalhos na arqueologia histórica utilizem o número de fragmentos ao fazer a análise de coleções (Symanski, 1997; Symanski, 2008; Rezende & Symanski, 2022).

As louças foram separadas e cada tipo decorativo foi identificado, quantificado e separado de acordo com os níveis artificiais feitas durante a escavação, totalizando uma datação específica para cada um deles. Dessa forma podemos ter uma noção da possível existência de uma linearidade temporal apresentada no solo. As camadas seguem a ordem crescente, sendo o nível 1 o mais superficial e o nível 8 o mais profundo.

Contudo, como é possível observar na tabela 1, louças de períodos de produção distintos aparecem próximas estratigráficamente. Mesmo sem uma estratigrafia perfeitamente preservada, podemos estipular a segunda metade do século XVIII como uma data média de ocupação para esse sítio. Como é possível observar ainda na tabela 1, a maior parte das datas médias calculadas para cada nível artificial aponta para o século XVIII, pela quantidade de faianças e de faianças finas com período de produção mais antigo.

Datação média	
Nível	Datação aproximada
1	1792
2	1806
3	1782
4	1756
5	1753
6	1700
7	1725
8	1762
Datação média	1765

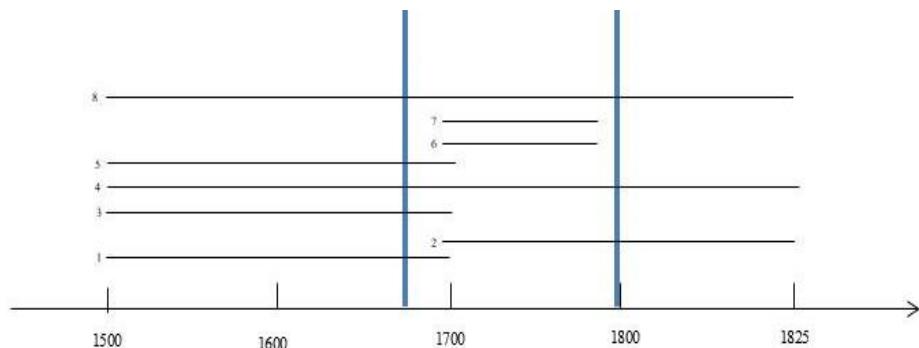
Tabela 1. Fórmula South aplicada a cada nível.

Nos gráficos de barras oferecidos a seguir estabelecemos alguns tipos notáveis e os dispomos em uma linha do tempo. Para uma maior precisão elaboramos dois gráficos, um para as faianças e outro para as faianças finas em decorrência da disparidade temporal entre esses dois tipos de louças. Na figura 5 é possível observar todas as categorias que datamos para as faianças, cada linha horizontal consta um tipo decorativo e o tamanho das

linhas corresponde ao intervalo de produção de cada tipo. Posicionamos as barras verticais azuis no intervalo temporal com maior número de linhas horizontais. Observando a figura, podemos interpretar que a datação apontada por essas louças está entre os anos finais do século XVII e o início do século XIX. Sabemos, portanto, que esse dado nos aponta algo diferente, mas não contrário à Fórmula de South.

Em seguida, fizemos o mesmo procedimento para as faianças finas que apresentam um maior número de variações decorativas. Como é pressuposto, essa materialidade chega ao Brasil já no final do século XVIII para o século XIX, portanto, podemos interpretar os dois gráficos como complementares entre si. A figura 6 nos aponta para uma margem de datação entre os anos de 1810 e 1865.

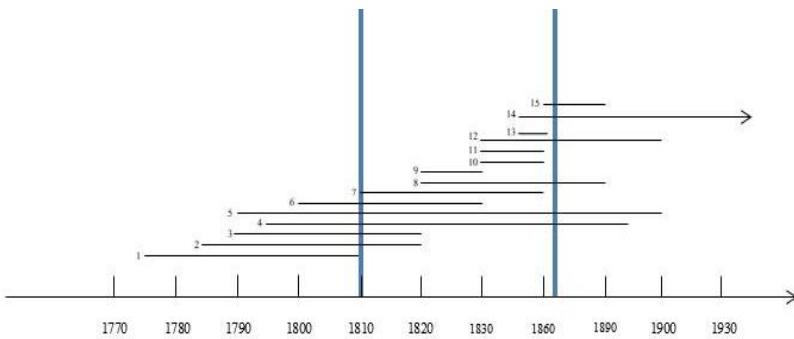
A amostra total é muito variada e, com base no que analisamos, podemos aferir alguns pontos. No que diz respeito à cronologia do sítio, as maiores quantidades se referem às faianças finas, diagnosticadas do final do século XVIII para o XIX. Considerando os dados históricos que apontam que o conflito de populações indígenas e colonos chamado Guerra dos Bárbaros se estendeu até o final do século XVII (Macedo, H. 2007), podemos lançar uma hipótese de que a ocupação massiva do Seridó só ocorreu a partir do século XVIII. Considerando também que possuímos louças de um período aparentemente muito estendido, entendemos que é pouco provável que o sítio tenha seu início nos séculos XVI e XVII.



Legenda

1. Uma ou mais linhas retas combinadas com linhas onduladas - (1500 – 1700)
2. Linhas e faixas na base - (1700 – 1825)
3. Combinação de linhas e pinceladas largas - (1500 – 1700)
4. Friso/s localizado/s na base - (1500 – 1825)
5. Friso/s localizado/s na borda - (1500 – 1700)
6. Linhas horizontais com traços verticais ou diagonais - (1700 – 1799)
7. Fitomorfo - (1700 – 1799)
8. Linhas e pontilhados - (1500 – 1825)

Figura 5. Gráfico de barras para as faianças.



Legenda

- 1. Padrão shell edged com borda assimétrica e ondulada, com incisões curvas moldadas (1775 – 1810)
- 2. Annular ware marbelized (1782-1820)
- 3. Annular ware cabled (1790-1820)
- 4. Annular ware mocha (1795-1895)
- 5. Faixa e/ou friso policromico (1790 - 1900)
- 6. Padrão shell edged com borda simétrica, com incisões curvas ou retas (1800 – 1830)
- 7. Padrão floral estilo peacock (1810 - 1860)
- 8. Padrão spatter (1820 - 1890)
- 9. Padrão shell edged com borda pintada e padrões em relevo (1820 – 1830)
- 10. Padrão floral estilo sprig (1830 - 1860)
- 11. Faixa e/ou friso + sprig (1810 - 1860)
- 12. Borrão azul variado (1830 - 1900)
- 13. Padrão shell edged com borda reta, com incisões sutis (1840 – 1860)
- 14. Padrão sponge (1840 - 1935)
- 15. Padrão shell edged com borda plana, apenas pintado (1860 –1890)

Figura 6. Gráfico de barras para as faianças finas.

Levando em consideração os períodos de produção encontrados para algumas decorações das faianças finas por nós analisadas, supomos uma ocupação no século XIX, mais especificamente no período entre 1810 e 1860, dada a maior presença de decorações para esse período. Em conversas informais com os moradores locais, descobrimos que o sítio foi habitado inicialmente por um senhor chamado Francisco Borges dos Santos, sendo ele o construtor da estrutura habitacional no ano de 1801. Também foi informado que antes que esse sujeito chegasse ao local, ele já habitava a área do sítio arqueológico em outras casas, anteriormente ao século XIX. Contamos também com o relato feito por um morador local (Antônio Faustino, 2024) de que aquele local já havia sido habitado por três padres, ocupação essa posterior ao Francisco Borges dos Santos. O que podemos concluir é que de fato o sítio parece ter sua ocupação iniciada no século XVIII e parece ter avançado para meados do século XIX, isso também explicaria a ausência de *transfer printing* na amostra de escavação.

Por fim, foi realizada uma datação por termoluminescência no ano de 2024, através de amostras de cerâmica encontradas no local. O resultado apontou para a idade do sítio entre 260 e 10 anos. Fazendo os cálculos, podemos chegar ao início do sítio no século XVIII, mais precisamente em 1764, variando apenas um ano da datação obtida pela fórmula de South apresentada anteriormente e em concordância com as nossas conversas com moradores que apontam que desde antes de 1801 o sítio era habitado.

DE ESTRANGEIRA A SERTANEJA: AS LOUÇAS DO SERIDÓ E O GOSTO DE NECESSIDADE

Considerando a data média obtida como 1764, podemos inferir que a ocupação do sítio não foi tão tardia em relação à ocupação do sertão potiguar. É também possível formular uma hipótese do início do sítio como

uma oportunidade de expandir a pecuária, mesmo sem a confirmação de que o local foi usado para criação de animais.

A elite local e regional era composta por fazendeiros e potentados rurais. Teriam sido famílias e pessoas inseridas em forte relações de patriarcado e em atividades de pecuária e cultivo, permeadas, como já dito, por mentalidades belicosas. Para refletir sobre a inserção do sítio Santa Clara 02 nesse contexto, pergunta-se: teria sido o nosso sítio ocupado e habitado por parte dessa elite? As louças aqui discutidas teriam participado de que associações simbólicas?

Como brevemente explicitado neste texto, e mais detalhadamente em Medeiros (2024), as faianças apresentaram pouca variação de motivos decorativos. O mais expressivo se configura como linhas paralelas combinadas com uma linha ondulada, geralmente entre elas, sendo identificadas 25 fragmentos com essa decoração (11,01% da amostra total); também identificamos um caso em que havia combinação com friso localizado na base. O segundo maior número de fragmentos possui a decoração de faixas e/ou frisos simples na borda, sendo evidente em 10 fragmentos (4,40%); também identificamos 7 fragmentos com faixas e/ou frisos simples localizados na base (3,08%). Identificamos um total de 8 fragmentos que continham uma combinação de faixas e frisos azuis ou vinoso, combinado com verde, geralmente encontradas em bases (3,52%). Observamos também 4 fragmentos que possuíam uma combinação entre pineladas no lábio e linhas, representando 1,76% do total. Três fragmentos eram decorados com uma mistura de linhas retas e onduladas com contas, representando 1,32% do total, além de 2 fragmentos (0,88%) que continham linhas paralelas verticais em combinação com horizontais. O último motivo decorativo a ser mencionado é composto por linhas em arco representam 0,88% da amostra.

Os esmaltes foram identificados apenas para as faianças finas, totalizando apenas 47 fragmentos que variaram entre *creamware*, *pearlware* e *whiteware*. O primeiro e mais antigo esmalte estava expresso em apenas 1,76% dos fragmentos; o *pearlware* era encontrado na maioria, ocupando 14,97% do total. O *whiteware* foi identificado em 9 fragmentos, ou seja, 3,96% dos fragmentos.

Para as faianças finas e *ironstones* a maior ocorrência é de uma decoração que se assemelha a um efeito marmorizado, identificada e catalogada pelo *Florida Museum of Natural History* como *annularware*, que se divide entre *mocha*, *marbelized* e *cabled*. A maior parte da amostra se concentra em 18,06% expressos pela *annularware marbelized*. Faixas e/ou frisos aparecem em uma segunda maior quantidade, essa decoração representa 10,57% da amostra e aparece também em conjunto com outros motivos decorativos. Identificamos 1 fragmento do referido motivo com floral — o qual abordaremos ao falar sobre as *shell edge* —; 1 em combinação com o *sprig style* e 2 fragmentos com presença de pontilhado. Identificamos 10 fragmentos com o esponjado tipo *sponge* (4,40%) e 3 com o tipo *spatter* (1,32%). Para o motivo floral, analisamos 5 fragmentos, das quais 2 (0,88%) não conseguimos identificar o estilo; 2 outras fragmentos identificamos como *sprig style* e uma outra identificamos como *peasant style*. Foram analisados 3 fragmentos (1,32% do total) que continham folhas as quais podemos atrelar ou não ao floral. O borrado ou borrão azul foi identificado em 2 fragmentos (0,88%) e o nomeamos como “borrado” por não ser possível identificar claramente os elementos decorativos. Por fim, identificamos 1 fragmento *annularware mocha* e 2 fragmentos *annularware cabled*.

A maioria dos fragmentos foi pintada à mão, um total de 47,13% do todo. A segunda maior ocorrência foram os fragmentos banhados, expressas em 21,14% das louças analisadas. Também identificamos o esponjado (5,72%), superfície modificada com relevo (1,32%) e o borrão azul (0,44%). Identificamos também

combinações entre técnicas, como as banhadas com superfície modificada que correspondem a 4,84% do total. Identificamos 1 fragmento decorado através de *transfer-printing* que aparece apenas em combinação com o borrão azul (0,44% do total). Encontramos ainda combinações de pintado à mão com superfície modificada (2,20%) e com banhado (0,88%).

Encontramos uma grande variedade de *shell edge*. Como base para as nossas categorias do motivo anteriormente mencionado, utilizamos com base a tabela de *shell edge* encontrada em Hozana Souza (2024), uma vez que se alinhava com o nosso material. O padrão *shell edge* com borda assimétrica em combinação com incisões curvas representou 3,52% da amostra, com 8 peças, também identificamos um outro fragmento em combinação com motivos florais; o padrão *shell edge* com borda plana apenas pintado teve o segundo maior número de peças (6), expressando 2,64% do total analisado; 5 fragmentos foram identificados como *shell edge* com borda simétrica e incisões (2,20%); foram identificadas também 4 *shell edge* combinadas com padrão em relevo (1,76%); *shell edge* com incisões sutis foi identificado em apenas um fragmento.

É importante ressaltar que os habitantes do Santa Clara 02 não podem ser definidos como uma elite apenas pensando nas louças. Apenas poderíamos defini-los como pertencentes a essa classe a partir do acesso a uma documentação com maior detalhamento de posses. No entanto, o preço estabelecido para as louças que estão dispostas na amostra de escavação, aponta para um menor gasto com essa materialidade, evidenciando possivelmente um poder aquisitivo menor. O que podemos concluir é que os habitantes viviam a seu próprio modo e isso se refletia dentro das louças, que não respeitam o padrão pré-estabelecido de consumo pelos países que as fabricam, sendo elas adquiridas para atender determinadas necessidades da população sertaneja do Santa Clara 02.

Pierre Bourdieu (2007) descreve mecanismos através dos quais simbolismos podem ser ativamente utilizados em ações voltadas para distinção de classe. O autor apresenta o consumo alimentar com padrões ditados pelas classes. Os alimentos mais gordurosos, menos providos de carnes macias e, por consequência, mais baratos, são consumidos pelas classes mais baixas segundo uma segmentação econômica. Isso não necessariamente exclui o gosto por esses alimentos, visto que o princípio da preferência é o *gosto de necessidade*. Desse modo, Bourdieu estabelece um contraponto entre gosto de luxo e gostos de necessidade, o primeiro sendo representado por pessoas que vivem longe da necessidade, e o segundo é marcado por um leque restrito de possibilidades de consumo.

Nesse caso, pensamos na louça como um potencial elemento de determinado *habitus* e de distinção, muitas vezes utilizados como caminho para buscar construir uma desejada semelhança. É possível que a louça tenha sido utilizada e pensada para servir como símbolo de sofisticação e de distinção (Lima, 1995). A sua aquisição será definida pela necessidade, gosto e recursos, de modo que as classes mais baixas buscam uma semelhança com as mais altas por meio da aquisição de bens, muito embora o uso não seja necessariamente o mesmo.

Nesse sentido, o conceito de *gosto de necessidade* já apresentado brevemente neste texto pode ser uma via explicativa para se entender alguns tipos de louças presentes no sítio, particularmente as louças *shell edge*. Buscamos, nesse caso, trabalhar a ideia de uso criativo e ressignificado que respeitam uma determinada lógica e recorte cultural. Para abordar melhor esse tema trazemos uma reflexão sobre as *shell edge*, louças mais baratas do mercado e encontradas amplamente pelos sítios arqueológicos históricos da região do Seridó, dentre eles o Santa Clara 02. De acordo com Bourdieu, o gosto que leva ao consumo está relacionado diretamente ao poder econômico de um indivíduo, ou seja, o gosto irá se adequar inconscientemente ao estilo de vida que o indivíduo possui. Quando trazemos essa reflexão para o Santa Clara 02, evocando as *shell edge* como exemplo principal,

estamos tentando expor um padrão de comportamento de uma sociedade afastada dos grandes centros urbanos. Uma população que, dentro de seus padrões, elenca o que é necessário e não vê razões para investir grande parte de uma renda em objetos que deem suporte a dado status.

Não queremos dizer, contudo, que a presença da decoração pintada de azul nas bordas não signifique uma tentativa de refletir status. Ao contrário, consideramos que ela tem um papel a desempenhar e o faz de maneira diferente dos grandes centros urbanos, principalmente quando refletemos sobre o ritual do chá e a sua aparente inexistência no sítio por nós estudado. Também levantamos um dado que aponta para a maior quantidade de cerâmicas utilitárias em relação às louças, no sítio (Evaristo, 2024), o que nos permite pensar que talvez essas louças estejam presentes como uma forma de demonstrar certo status, mas não se sobrepõe à ideia da praticidade e funcionalidade.

A aquisição dessa materialidade significa que o sertão não é um local isolado, está conectado e interage com os outros territórios do Brasil, isso se expressa nos vestígios arqueológicos abordados neste artigo. Entretanto, ao emular a materialidade, o sertanejo reinventa seu uso e o escolhe a partir de sua própria necessidade e poder. Essa quebra de padrão de aquisição e consumo é o que faz com que as louças europeias se tornem sertanejas, elas adentram o sertão e são apropriadas e ressignificadas para que se encaixem à rotina e necessidade desse ser sertanejo. Nesse sentido, na ausência de possibilidades do consumo de outros tipos de louças que seriam consideradas de luxo na Europa ou em cidades abastadas do Brasil oitocentista, o *gosto de necessidade* se faz presente e a louça *shell edge* mostra o status local do sertanejo.

Além disso, podemos observar a importância atribuída pelo sertanejo à louça que, para as grandes elites eram ordinárias, não somente na sua intensidade arqueológica no Seridó, mas também nas preciosas cristaleiras que persistem até hoje. A louça sertaneja comumente evoca um sentimento de memória e herança, é comum vermos esses artefatos guardados em armários e destinados apenas às visitas de grande importância para os habitantes de um local. Elas podem ficar em armários, protegidas por um vidro e uma estrutura de madeira, guardadas, mas visíveis aos olhos daquele que vem de fora (Medeiros *et al.*, 2024). Tida como um tesouro herdado, algo que seria simples na Europa ou no Rio de Janeiro, é tão especial no sertão que ela é guardada desde o momento de sua aquisição e mantida como um troféu (quase museus da família), passada geracionalmente, com cautela e cuidado no seu manuseio. De acordo com Medeiros *et al.* (2024), essa materialidade permite a criação de um espaço de memória que abarca não só a própria herança em si, mas também envolve tradição e construções sociais particulares do sertão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser observado, a estratigrafia do sítio Santa Clara 2 estava revolvida, o que não nos impediu de desenvolver algumas discussões como visto ao longo dessa pesquisa. Foi possível observar que o sertão, por mais afastado que seja dos grandes centros urbanos, não é um local isolado. Inclusive é mencionado pelo jornal *A Ordem*, de 26 de abril de 1936, 35 edição 00224, um trem de Mossoró que transportava mercadorias entre cidades da região, como Piancó, Catolé, Crato e Icó, sendo que, dentre essas mercadorias, havia louças. Também, o *Diário de Natal*, publicado no dia 10 de janeiro de 1948, aponta mercadorias vindas de Salvador pelo litoral e rios através de embarcações.

Agora considerando o disposto, relembramos os trabalhos de Symanski (2008), Abreu e Souza (2015, 2017), Souza (2021, 2024), e Oliveira (2018, 2021), que fornecem dados fundamentais para nos ajudar a pensar a Arqueologia Histórica do Sertão. A louça com decoração *shell edge* pode ser entendida como uma interessante escolha para desvendar as complexas dinâmicas de consumo e sociedade em contextos domésticos semiáridos do século XIX. A menção mais direta desse tipo decorativo se dá na pesquisa de Oliveira (2018), onde a *shell edge* é classificada como uma faiança fina importada de baixo valor de mercado e associada a um uso cotidiano e informal. Esta constatação dialoga diretamente com as abordagens de Abreu e Souza (2015, 2017), que posiciona a presença de *commodities* globais no semiárido como evidência da inserção das populações sertanejas no sistema capitalista da época, desmistificando qualquer ideia de isolamento econômico.

A relação com os dados do Sítio Santa Clara 02 se estabelece ao confrontar a natureza de "baixo custo" das *shell edge* em seu ponto de origem com seu significado no Seridó Potiguar. Em um contexto de consumo restrito, a *shell edge* pode não representar uma escolha de luxo, mas sim uma seleção deliberada dentro das poucas opções acessíveis à unidade doméstica. Nesse sentido, o consumo deste material no Santa Clara 02 pode ser interpretado à luz do "gosto de necessidade", funcionando como um marcador de distinção possível, um ato de agência que utilizou um item global de menor prestígio para construir uma identidade material localmente significativa, em consonância com as dinâmicas de poder e pecuária estudadas por Souza (2021, 2024) e Oliveira (2021) na mesma região.

Essas louças vindas de longe, nos rituais de comensalidade locais, podem evidenciar essa conexão do sertão potiguar com o resto do Brasil, onde entravam e serviam para as necessidades da população sertaneja. Seja para demonstrar um status ou apenas por participar do mercado capitalista como qualquer outra localidade do ocidente, as louças estavam presentes na mesa sertaneja servindo a diferentes propósitos de acordo com quem as usasse. Como dito anteriormente, a ausência de aparelhos de chá indica a ausência de tal ritual para essa comunidade e isso permite uma hipótese de apropriação e transformação desses artefatos em algo próprio dentro de costumes próprios. As louças deixam de ser apenas espelhos de um status e ganham uma faceta particular do sertão, a partir do momento da sua aquisição e da forma como chegam à sociedade seridoense potiguar. Nesse sentido, a louça *shell edge*, especialmente sua versão de cor azul, aparece como uma expressão do *gosto de necessidade* do sertanejo potiguar, sendo então objeto e expressão sertaneja.

AGRADECIMENTOS

A primeira autora agradece à Fapesb e a segunda, à CAPES, pelas bolsas de mestrado que receberam durante as pesquisas.

REFERÊNCIAS

- Abreu e Souza, R. de (2015). Globalização, consumo e diacronia: populações sertanejas sob a ótica arqueológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 9(2), 36-62.
- Abreu e Souza, R. de (2017). *Um lugar na caatinga: consumo, mobilidade e paisagem no semiárido do Nordeste brasileiro*. Dissertação (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.
- A Ordem (1936). *Mossoró: traços de sua geografia humana e econômica*. Anno I., n. 224. 26 de abril de 1936. Natal.

- Beaudry, M. C., Cook, L. J., & Mrozowski, S. A. (1991). Artifacts and active voices: material culture as social discourse. Em McGuire, R. H., & Paynter, R. (eds.). *The archaeology of inequality* (pp. 150-191). Oxford: Blackwell.
- Bezerra, A. P. G. (2015). Entre pratos, tigelas e travessas: um breve estudo sobre o consumo de louças europeias pela elite aracatiense (1850–1890). *Emboral*, 6(12), 93-111.
- Bragança, S. R., Zimmer, A., & Pedrassani, J. (2019). Uma revisão sobre a terminologia e classificação das cerâmicas brancas. *Cerâmica*, 5, 485-497.
- Brancante, E. d. F. (1981). *O Brasil e a cerâmica antiga*.
- Diário de Natal (1948). Comercio - transporte - finanças. Anno IX, n. 1409. 10 de janeiro de 1948. Natal.
- Hcoutinho pesquisa e desenvolvimento (2022). *Relatório parcial 1. Resgate arqueológico e educação patrimonial na área da bacia hidráulica da barragem de Oiticica, municípios de Jardim de Piranhas, São Fernando e Jucurutu, no Rio Grande do Norte*.
- Hcoutinho pesquisa e desenvolvimento (2022). *Relatório Final – Volume I. Resgate arqueológico e educação patrimonial na área da Bacia Hidráulica da barragem de Oiticica, municípios de Jardim de Piranhas, São Fernando e Jucurutu, no Rio Grande do Norte*.
- Lima, T. A. (1995). Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, 3, 129-191.
- Lima, T. A. (1997). Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, 5, 93-129.
- Lopes, F. M. (2003). *Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte*, vol. 1379. Fundação Guimarães Duque.
- Macedo, H. A. M. D. (2007). Percepções dos colonos a respeito da natureza no sertão da Capitania do Rio Grande. *Topoi (Rio de Janeiro)*, 8(14), 37-76.
- Macedo, M. K. (2005). *A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal: Sebo Vermelho.
- Macedo, M. K. (2007). *Rústicos cabedais: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (séc. XVIII)*. Dissertação (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Medeiros, M. E. S. D. de (2024). *Emulação agenciada no sítio arqueológico Santa Clara 02: Louças, status e o sertão Potiguar*. Qualificação de mestrado. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira.
- Medeiros, M. E. S. D., Evaristo, V. D., & Hissa, S. D. B. V. (2024). Cacos como patrimônio: o saber-fazer e o saber-usar. *Revista Arqueologia Pública*, 19, E024005.
- Medeiros Neta, O. M. de (2017). História, escrita e espaço: configurações do Seridó Potiguar. *XXIV Simpósio Nacional de História*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Miller, G. L. (1991). A revised set of CC index values for classification and economic scaling of English ceramics from 1787 to 1880. *Historical Archaeology*, 25, 1-25.
- Oliveira, A. (2018). *A comida está servida? Um estudo das práticas alimentares na fazenda Prazeres, Bertolínia – PI*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Teresina.
- Oliveira, K. B. da S (2021). *Escravidão e terras de criar gado em um lugar denominado sertão: Uma arqueologia das moradas de casas e miudezas cotidianas do Seridó Potiguar, séculos XVIII e XIX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

- Rezende, R. C., & Symanski, L. (2022). Olarias, escravidão e a dinâmica da produção, circulação e consumo de vasilhames cerâmicos em Campos dos Goytacazes no século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 30, 1-57.
- Rice, P. M. (2015). *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: University of Chicago press.
- Shepard, A. O. (1956). *Ceramics for the Archaeologist*, vol. 609, p. 1971. Washington, DC: Carnegie Institution of Washington.
- Silva, A. S. N. F. d., Souza, H. D. L. d., & Batista, K. G. (2020). Arqueologia histórica e sertaneja no Seridó Potiguar – O sítio Culmins, Caicó, Rio Grande do Norte, Brasil. *Clio Arqueológica*, 35(3), 234-285.
- South, S. (2007). Reconhecimento de padrões na Arqueologia Histórica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica*, 1(1), 133-148.
- Souza, H. D. L. D. (2021). *Sítio Culmins: um olhar sobre o sertão do Seridó, séculos XVIII e XIX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Souza, H. D. L. D. (2024). *Arqueologia histórica no sertão do Seridó: uma abordagem a partir do sítio arqueológico Oiticica 17*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Symanski, L. C. P. (1996). A louça na pesquisa arqueológica: análises e interpretações processuais e pós-processuais. *Revista do CEPA*, 20, 59-76.
- Symanski, L. C. P. (1997). Grupos domésticos, comportamento de consumo e louças: o caso do Solar Lopo Gonçalves. *Revista de História Regional*, 2(2), 81-119.
- Symanski, L. C. P. (2002). Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. Em Zarankin, A., & Senatore, M. X. (eds.). *Arqueología da Sociedad Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas* (pp. 31-62). Buenos Aires: Ediciones del Tridente.
- Symanski, L. C. P. (2008). Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: Um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. *Revista de Arqueología*, 21, 73-96.
- Tocchetto, F. B., Symanski, L. C. P., Ozório, S. R., Oliveira, A. T. D. D., & Cappelletti, A. M. (2001). *A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura.
- Yentsch, A. E. (1988). The symbolic divisions of pottery: sex-related attributes of English and Anglo-American household pots. *Historical Archaeology*, 22(2), 95-102.